

O que entender por bioética global?

LEO PESSINI¹

Resumo: O presente texto é uma incursão reflexiva nas origens do pensamento de Van Rensselaer Potter, resgatando o seu conceito original de bioética, especificamente o conceito de bioética global. No nascedouro da bioética, tem-se a intuição profética de Van Rensselaer Potter, um cientista na área da bioquímica/biologia molecular da Universidade de Wisconsin, Madison, Estados Unidos. Potter foi o primeiro a cunhar o neologismo “Bioethics”, em 1970. O que ocorre historicamente é que a bioética nos Estados Unidos se reduz a uma visão de ética biomédica, diante das grandes novidades tecnocientíficas, o que levou Potter a escrever, em 1988, a obra “Global bioethics” (Bioética global), quando ele reagiu fortemente contra essa visão reducionista de bioética e ampliou sua a visão original de “Bioética ponte” para “Bioética Global. Essa visão abarca a dimensão cósmica ecológica da vida de todos os seres vivos e do planeta. Em tempos críticos de crise ecológica, é muito salutar conhecer as intuições originais de Potter.

Palavras-chave: Origens da bioética. Bioética global. Ecologia e meio ambiente. V.R. Potter.

What do you understand by global bioethics?

Abstract: The present text is a reflexive incursion into the origins of Van Rensselaer Potter’s thinking, rescuing his original concept of bioethics, specifically the concept of global bioethics. In the birth of bioethics, we have the prophetic intuition of Van Rensselaer Potter, a scientist in the field of biochemistry / molecular biology, University of Wisconsin, Madison, USA. Potter is going to be the first to coin the neologism “Bioethics” in 1970. What will happen historically is that Bioethics in the USA will be reduced to a vision of biomedical ethics, in the face of great technocientific novelties. This is what led Potter to write in 1988, the work “Global Bioethics” (Global Bioethics), when he reacts strongly against this reductionist view of bioethics and extends his original vision of “Bioethics bridge” to “Global Bioethics, vision encompasses the cosmic ecological dimension of the life of all living beings and the planet. In critical times of ecological crisis it is very salutary to know the original intuitions of Potter.

Keywords: Origins of bioethics. Global bioethics. Ecology and environment. V.R. Potter.

¿Qué entender por bioética global?

Resumen: El presente texto es una incursión reflexiva en los orígenes del pensamiento de Van Rensselaer Potter, rescatando su concepto original de bioética, específicamente el concepto de bioética global. En el nacimiento de la bioética, tenemos la intuición profética de Van Rensselaer Potter, un científico, en el área de la bioquímica / biología molecular, de la Universidad de Wisconsin, Madison, Estados Unidos. Potter es el primero en acuñar el neologismo “Bioethics”, en 1970. Lo que va a ocurrir históricamente es que la Bioética en EEUU va a ser reducida a una visión de ética biomédica, frente a las grandes novedades tecnocientíficas. Esto es lo que llevó a Potter a escribir en 1988, la obra “Global Bioethics” (Bioética global), cuando reacciona fuertemente contra esta visión reduccionista de bioética y amplía su visión original de “Bioética del puente” a “Bioética Global, la visión abarca la dimensión cósmica ecológica de la vida de todos los seres vivos y del planeta. En tiempos críticos de crisis ecológicas es muy saludable conocer las intuiciones originales de Potter.

Palabras clave: Orígenes de la bioética. Bioética global. Ecología y medio ambiente. V.R. Potter.

A bioética global nos proporciona um marco de avaliação e também uma bússola moral que contrasta com esta cultura de privilégios individuais em que estamos imersos. A bioética global busca unir pessoas e líderes religiosos. Ela também procura atrair as organizações que lidam com questões específicas, tais como: natureza, fauna, vida selvagem, poluição, órfãos, imigrantes e outros problemas agudos que afetam o mundo, procurando evitá-los, sem falar dos aspectos éticos e morais implicados.

Van Rensselaer Potter

A bioética global não é um produto acabado que podemos simplesmente aplicar para resolver os problemas globais. Ela é o resultando de uma contínua interação e troca entre práticas locais e discurso global. Ela combina o reconhecimento das diferenças e o respeito pela diversidade cultural convergindo em direção a perspectivas comuns e valores compartilhados.

Henk Ten Have

Existem dois lugares nos Estados Unidos onde, contemporaneamente, no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, liga-se a criação do neologismo “*bioethics*”, do grego “*bios*”, que significa vida, e “*ethos*”, que significa, ética, ou seja, ética da vida: a cidade universitária de Madison, na Universidade de Wisconsin, com o cientista bioquímico em biología molecular Van Rensselaer Potter; e em Washington, no Instituto Kennedy de Ética da Universidade Georgetown (dos jesuítas), com André Hellegers.

Com a publicação da obra pioneira de Potter em 1971, “Bioética: ponte para o futuro” inaugurou-se um novo momento do pensamento ético contemporâneo em relação aos extraordinários desenvolvimentos da tecnociência e às intervenções manipuladoras do ser humano quanto ao meio ambiente, à natureza e ao planeta (POTTER, 2016). Em Washington, o obstetra holandês André Hellegers, da Universidade de Georgetown, seis meses depois da aparição desse livro de Potter, utilizou o termo “bioethics” no nome do centro de estudos de ética, denominado “Joseph and Rose Kennedy Institute for the Study of human Reproduction and Bioethics”.

Está-se diante de uma dupla paternidade, com um duplo sentido de bioética. A perspectiva de Potter articula-se na esfera da “macrobioética”, visão ética que vai para além do âmbito da vida humana e inclui os desafios da vida cósmico-ecológica. Do outro lado, o enfoque de Georgetown (o legado de Hellegers) versa sobre os problemas de “microbioética”, ou seja, uma ética ligada à área clínica, às questões de ética biomédica, com o paradigma principialista, isto é, dos quatro princípios: respeito pelas pessoas (autonomia), beneficência, não maleficência e justiça (REICH, 1995a).

Hans-Martin Sass, bioeticista alemão radicado nos Estados Unidos, hoje professor emérito do Instituto Kennedy de Bioética em Washington, revelou ao mundo que quem primeiro teria cunhado o neologismo “bioética” não foram os norte-americanos – Potter ou Hellegers –, mas um alemão, Fritz Jahr, em 1926 (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2013).

É claro que os norte-americanos não teriam a generosidade ou a bondade de reconhecer a paternidade do neologismo “bioethics” para um estrangeiro – no caso, um alemão. Infelizmente, Jahr não fez história, pois acabou sendo tragado e sepultado nas cinzas da ideologia do nazismo que viria dominar politicamente a Alemanha e com o início da II Guerra Mundial (1939-1945) (SASS, 2008). Em 1975, Potter verbalizou seu desapontamento em relação à visão e ao uso inicial do termo “bioética” em seu país (Estados Unidos), o qual virou moda e se transformou em uma nova palavra para lidar com as velhas questões éticas (POTTER, 1975).

Segundo Potter (1988, p. 76-78):

Chegou o momento de reconhecer que não podemos mais examinar opções médicas sem levar em conta a ciência ecológica e os problemas da sociedade numa escala global [...] A bioética global, portanto é “a unificação da bioética médica com a bioética ecológica” [...] Os dois ramos deste saber necessitam ser harmonizados e unificados para se chegar a uma visão consensual que pode ser denominada bioética global, destacando os dois significados do termo global, a saber: um sistema de ética é global, de um lado, se ele for unificado e abrangente, e de outro, se tem como objetivo abraçar o mundo todo.

A interpretação de bioética do Instituto Kennedy da Universidade Georgetown, em Washington, onde nasceu o principalismo bioético, é, na essência, “ética médica redefinida”. Não se trata de uma nova abordagem, mas tão somente de aplicação das abordagens éticas tradicionais para uma série de novos problemas trazidos pelo progresso da tecnociência. Potter se mostrou inconformado com essa perspectiva de ver a bioética basicamente identificada com a ética biomédica.

Por essa razão, ele preferiu a expressão “bioética médica” para demarcar a diferença com sua visão mais ampla. Sua crítica em relação ao paradigma reinante de “bioética” é a de que se trata, no fundo, de ética médica sob um novo nome, restringindo-se a aplicações médicas, com enfoque prioritário na sobrevivência individual, e se preocupa com a resolução de problemas em uma visão a curto prazo. A ênfase está na autonomia individual, e não no bem social, além de ser especializada; portanto, não apresenta uma perspectiva geral. Trata-se de uma ética aplicada, e não de uma nova abordagem interdisciplinar. Além disso, seu foco de preocupação liga-se aos problemas específicos dos países desenvolvidos, ignorando os problemas de saúde de outras partes do mundo marcadas pela injustiça e pobreza, não se interessando em ética social, ambiental e agrícola. Essa perspectiva de pensar a bioética assume também que o discurso bioético que nasceu, desenvolveu-se e maturou nos países mais ricos do planeta pode ser exportado como um modelo universal para ser aplicado em todos os países, o que é condenável, pois se está diante de um novo tipo de imperialismo, “o imperialismo bioético” (PESSINI, 2016; TEN HAVE, 2014, 2016a, 2016c).

O surgimento do conceito de bioética global

O conceito de bioética global foi introduzido por Potter em sua segunda obra, “Global bioethics: building on the Leopold Legacy”, publicada em 1988 (POTTER, 1988), e que agora, depois de quase 30 anos, vem à luz a edição em português. Nessa publicação, Potter se apresenta com uma forte perspectiva ecológica, inspirada em seu colega na Universidade de Wisconsin, Aldo Leopold, um engenheiro florestal e pioneiro nos Estados Unidos em levantar a voz para preservação da vida selvagem e que introduziu o conceito de “ética da terra” (*land ethics*). Embora Potter nunca o tenha encontrado pessoalmente, ele se inspirou em Aldo Leopold, quando sugeriu que existem três estágios no desenvolvimento da ética. O subtítulo do livro já coloca nessa direção ao apresentar sua perspectiva de reflexão ética: “construindo a partir do legado de Leopold”. No apêndice nº 1 do livro, Potter fala da herança de Aldo Leopold e de sua célebre obra intitulada “Sand County Almanac”, publicada inicialmente em 1949, com várias edições posteriormente (LEOPOLD, 1949).

Para Aldo Leopold, o primeiro estágio da ética diz respeito às relações entre os indivíduos; no segundo estágio, ela enfoca as relações entre os indivíduos e a sociedade; no terceiro estágio, que ainda não existe, afirmava Leopold que a ética lidaria com as relações dos seres humanos com o seu meio ambiente, isto é, terra, animais e plantas. Potter estava convencido de que o surgimento da bioética global é um desdobramento desse terceiro estágio da visão ética de Aldo Leopold (TEN HAVE, 2014, p. 9). Uma nova visão ética articulada e mais equilibrada com o mundo dos “humanos” e da “natureza”, com um objetivo ampliado, relacionando os desafios e problemas médicos com os aspectos social, cultural e ambiental. O adjetivo “global” demonstra que deve ser novo; significa que tem como objetivo abrangência planetária, bem como uma perspectiva de pensamento unificado e abrangente.

A bioética considerada como ética mundial adquire dois sentidos. O primeiro se refere ao aspecto planetário em termos geográficos. Inicialmente, a bioética se estabeleceu nos Estados nos anos de 1970; ao longo dos anos de 1980 expandiu-se para a Europa; em meados dos anos de 1990 chegou à América Latina, à África e à Ásia; e, a partir do início do milênio, pode-se dizer que está em todos os países do planeta. Hoje, percebe-se claramente que as questões éticas transcendem os limites nacionais e se tornam questões mundiais. A bioética global é mais que uma simples “bioética internacional”; ela se tornou relevante para todos os países e leva em conta as preocupações de todos os seres humanos, quaisquer que sejam suas crenças religiosas ou culturais.

O segundo sentido de “global” diz respeito a uma bioética mais inclusiva e abrangente, combinando a ética profissional tradicional, principalmente da medicina e enfermagem, com as preocupações ecológicas e com outros problemas “macro” da sociedade e cultura. A evolução da ética no contexto atual dos cuidados de saúde reflete esse processo: a partir de ética médica chega-se à bioética médica (clínica), avança-se ampliando o horizonte de visão e ação na perspectiva da ética dos cuidados de saúde, de caráter inter, multi e transdisciplinar, abrangendo todas as profissões da saúde e, finalmente, bioética global (TEN HAVE, 2016a, p. 32-35).

Em Potter, há três conceitos fundamentais da bioética (“estágios”) no seu nascedouro: bioética como ponte, bioética global e bioética profunda (como sendo o terceiro estágio da bioética). O primeiro conceito é o metafórico de bioética como ponte, já bastante conhecido. Há quatro tipos de pontes para construir: 1) entre o presente e o futuro; 2) a ciência e o mundo dos valores humanos; 3) a natureza e a cultura; e 4) o ser humano e a natureza (meio ambiente).

Faz-se necessário que se apresente o que Potter entende por “bioética profunda”, conceito que foi elaborado com seu amigo e discípulo Peter Whitehouse, neurologista da Case Western Reserve da University de Ohio. Segundo o Dr. Whitehouse (2002, p. 332):

Demonstrava uma incrível capacidade com sua habilidade de construir palavras para capturar conceitos complexos. Eu o vi inventar e tentar vários termos novos para descrever sua visão de bioética. Cunhamos juntos o termo “bioética profunda”, como uma aliança entre “ecologia profunda” e “bioética global”.

A bioética global enquanto uma metáfora testemunha uma preocupação ampliada para com todo o planeta (perspectivas antropológica, cósmica e ecológica) e, ao mesmo tempo, apresenta-se como um paradigma de se pensar e refletir sobre essa questão, como um sistema intelectual abrangente e inclusivo. Os ecologistas profundos perguntam para refletir a respeito das conexões espirituais em relação ao mundo natural, como Aldo Leopoldo o fez. O conceito de “biofilia”, ou seja, amor pela vida, alinha-se nesse sentido com a bioética profunda. Segundo Whitehouse (2003, p. 27),

a expressão “profunda” introduz uma dimensão espiritual no coração da bioética. Os ecologistas profundos são aqueles que sentiram uma conexão mística com a natureza e que foram críticos em relação aos que abordaram as questões ecológicas, de uma forma reducionista, isto é, somente a partir de uma perspectiva materialista e de curto prazo.

Whitehouse com V.R. Potter cunharam a expressão “bioética profunda”, inspirando-se na obra do filósofo e ecologista norueguês Arne Naess (1922-2009), especificamente na sua visão de ecologia profunda (NAESS, 1995).

Van Rensselaer Potter: do desconhecimento de sua obra nos Estados Unidos ao reconhecimento internacional

Por um longo tempo, as ideias de Potter não ganharam nem apreço e muito menos reconhecimento nos Estados Unidos. Era uma voz que clamava no deserto! Suas duas publicações clássicas (“Bioethics: bridge to the future”, de 1971, e “Global bioethics”, de 1988), não foram reconhecidas pelos protagonistas da primeira hora da bioética norte-americana. Estes estavam embevecidos e dogmaticamente fechados no paradigma da bioética principialista do Instituto Kennedy de Bioética (Georgetown University de Washington). Só para citar um exemplo desse descaso, o trabalho de Potter nem sequer foi mencionado na 1ª edição da “Encyclopedia of Bioethics”, que tinha como editor-chefe Warren Thomas Reich, publicada em 1978. Somente na edição revista de 1995, 2ª edição, com o mesmo editor-chefe, na introdução, uma rápida passagem reconhece a paternidade de Potter em relação ao termo “bioethics” (REICH, 1995b, p. XXI).

A última viagem para o exterior de Potter foi em 1990, com seu filho Carl, que o assistiu nas suas necessidades como idoso. Foi na Itália, em Florença, a

convite do Prof. Brunetto Chiarelli, professor de Antropologia da Universidade de Florença, que leu o livro “Bioética global” de Potter e o convidou para falar sobre tal tema. Nessa ocasião, o Prof. Chiarelli lançou a revista intitulada “Bioética global”. Essa publicação existe ainda hoje. A respeito da autoria original do termo “bioética global”, assim se expressa Chiarelli (2014, p. 19):

O termo “bioética global” foi uma formulação científica de um pensamento globalizado promovido nos anos 1980 por mim (Chiarelli), Van Rensselaer Potter, Antonio Moroni, Laura Westra e outros, que procuraram comunicar para além dos domínios ideológico e científico, iniciando uma nova fase de despertar da consciência para a necessidade de reestabelecer o equilíbrio entre a humanidade e natureza. Ele favoreceu a criação de uma aliança entre a vida e o meio ambiente em que todos os fatores, ambientais, ideológicos, físicos, psicológicos, sociais e econômicos são reconhecidos como interdependentes, motivadas pela visão consciente de que é somente pela proteção de nossos ecossistemas que protegeremos a nós mesmos e a todas as outras formas de vida (bios) no planeta Terra.

A partir dos anos de 1990, as coisas começam a mudar para Potter, com seu trabalho passando a ser conhecido fora dos Estados Unidos, em países como Colômbia, Brasil, Croácia, Itália e Japão. Em 1998, no IV Congresso Mundial de Bioética, que abordou justamente o tema Global Bioethics: North and South, East and West, ele foi convidado como palestrante, mas não pôde participar, pois sua saúde era frágil. Porém, ele enviou um vídeo com uma conferência intitulada “Bioética global e sobrevivência humana” (POTTER, 2001). Eu estava presente nesse Congresso Mundial, exatamente nesta seção, quando o vídeo foi apresentado a todos os congressistas e foi muito apreciado, principalmente pelos asiáticos. Por incrível que parece, muitos “scholars” norte-americanos do âmbito da ética, filosofia, saúde e bioética presentes não mostraram nenhum entusiasmo. Não deixa de ser sempre atual e verdadeiro aquele dito do Mestre Jesus: “Ninguém é profeta em sua própria casa”.

Nesse vídeo, Potter, ao falar de seu ocaso de vida, deixa algumas preciosas recomendações aos seus seguidores:

A medida que chego ao ocaso de minha vida sinto que a Bioética ponte, a Bioética profunda e a Bioética global alcançaram o umbral de um novo dia que foi muito além do que pudera ter imaginado ou desenvolvido. Contudo, necessito recordar-lhes a mensagem do ano 1975 que enfatiza a humildade com responsabilidade, como uma bioética básica... A humildade é consequência da afirmação posso estar equivocado, e exige responsabilidade para aprender da experiência e do conhecimento disponível. Concluindo, o que lhes peço é que pensem na bioética como

uma nova ética científica que combina a humildade, a responsabilidade e a competência, que é interdisciplinar e intercultural, e que potencializa o sentido de humanidade [...]. Concluindo, peço a você que pense na bioética como uma nova ciência ética que combina humildade, reponsabilidade e uma competência interdisciplinar e intercultural potencializadora do senso de humanidade. Obrigado (POTTER, 2001, p. 347).

Não mais podendo viajar por causa de suas condições de saúde, honrou os convites dos amigos de sua “Global Bioethics Network” e enviou vídeos de suas palestras. Assim, mandou para seu amigo Prof. Dr. Ivan Segota, de Rijeka, uma cidade portuária da Croácia, em 2001, sua última mensagem, pouco antes de sua morte, ocorrida em 6 de setembro de 2001, aos 90 anos, para o Symposium “Bioética e ciência numa nova época”, organizado por esse distinto professor. Ao fazer uma retrospectiva de seu envolvimento e evolução conceitual da sua visão de bioética, Potter (2012, p. 152) afirma: “Neste Congresso e também em outros lugares, a bioética começa a ser reconhecida não somente como uma questão médica, mas também envolvendo questões ambientais e sociais”. Potter (2012, p. 152) conclui seu pronunciamento: “Declaro que a bioética global deve evoluir para uma bioética mundial politicamente energizada, preocupada socialmente. Uma bioética global para o século XXI clama por cuidados para com as pessoas, a saúde e a terra com os animais”.

Na sequência, ele fala de sustentabilidade bioética, ou seja, de:

uma ética de sustentabilidade que deveria basear-se num conceito de respeito pelas futuras gerações. [...] “Como bioeticistas necessitamos de uma sustentabilidade bioética: sustentabilidade para quem? Para quê? E para quanto tempo? Minha resposta é sustentabilidade para a população mundial na sua diversidade, que abraça a proteção da biosfera, e para que construamos uma sociedade decente a longo prazo. Para os próximos cem anos, necessitamos de uma bioética política, com um senso de urgência. [...]. Nunca tivemos como hoje tão pouco tempo para fazer tanto. [...]. Hoje temos um tipo diferente de urgência. Necessitamos de ação política. Precisamos exigir de nossos líderes que alcancem uma bioética global humana com o objetivo de uma sustentabilidade global a longo prazo. Desta forma, temos duas possibilidades de enfrentarmos o futuro: o terceiro milênio será o momento da bioética global ou então da anarquia. A escolha é sua” (POTTER, 2012, p. 153-155).

O legado de Potter na atualidade e em vista do futuro

Poucos dias antes de sua morte, ele escreveu a última mensagem de sua vida, “a global bioethics final message”, endereçada para a sua querida “rede de bioética global”, isto é, amigos que comungavam de sua causa bioética:

Esta é minha mensagem final e agradeço a todos vocês [...] Estou um tanto fraco e com dificuldade de escrever. Espero que a memória me ajude. Por um longo tempo 1970-1990 não havia ninguém que reconhecesse meu nome ou desejasse fazer parte desta missão. Nos EUA ocorreu uma explosão imediata do uso da palavra Bioética pelos profissionais médicos, que falharam em não mencionar meu nome, ou o título de minhas quatro publicações feitas nos anos 1970-1971. Infelizmente, esta visão de bioética atrasou o surgimento daquilo que hoje existe (POTTER, 2012, p. 155).

Destaca-se a importância da UNESCO ao abraçar a causa potteriana da bioética global, por meio da sua unidade de Ética em Ciência e Tecnologia e, mais especialmente, pelo Comitê Internacional de Bioética (IBC). Com a liderança dessa organização, em 5 de outubro de 2005, foi aprovada a “Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos”, que, sem dúvida alguma, é uma atualização da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU de 1948 (UNESCO, 2005). Percebe-se, nessa histórica Declaração da UNESCO, o legado de Potter sendo valorizado e atualizado para os tempos atuais e na perspectiva e visão da bioética global. Não menos significativo em termos mundiais é também o lançamento da “Encyclopedia of Global Bioethics”, que tem como editor-chefe o bioeticista Henk Ten Have (2016c), que foi o coordenador do Comitê Internacional de Bioética da UNESCO.

A “Enciclopédia de Bioética Global” apresenta uma visão abrangente e um tratamento sistemático de todos os novos temas e questões pertinentes ao debate emergente da bioética global. Ela apresenta descrições e análise de uma vasta gama de novas questões importantes de uma perspectiva verdadeiramente global em uma abordagem intercultural. As novas questões contempladas nessa enciclopédia e negligenciadas em obras mais tradicionais sobre bioética incluem: o patrocínio na pesquisa e educação em bioética, a má conduta científica e integridade da pesquisa, a exploração dos participantes da pesquisa em ambientes pobres em recursos, a fuga de cérebros e a migração dos trabalhadores de saúde, o tráfico de órgãos e o turismo de transplantes, a medicina indígena, a biodiversidade, a mercantilização de tecidos humanos, a repartição de benefícios na pesquisa em seres humanos, a indústria bioalimentar e alimentar, a desnutrição e a fome, os direitos humanos e as mudanças climáticas (TEN HAVE, 2016c).

Em um momento em que a Organização das Nações Unidas (ONU) procura definir uma agenda para toda a humanidade após os chamados “Objetivos do Milênio” (2015-2030), volta à tona a discussão a respeito do entendimento correto do conceito de “sustentabilidade”, ou “desenvolvimento sustentável”. Potter, em seu tempo, já alertava para essa necessidade de uma bioética planetária, sendo um arguto visionário e um campeão de sabedoria em meio ao extraordinário progresso do conhecimento científico, por se antecipar aos tempos de hoje. Para Potter, muito mais ameaçador do que o chamado “conhecimento

perigoso”, é, na verdade, a “ignorância perigosa”, a qual somente será vencida via processo de educação em valores. A ONU, por meio da Comissão Mundial sobre meio Ambiente e Desenvolvimento, elaborou, com a liderança da primeira-ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland, o documento intitulado “Nosso futuro comum” (relatório também é conhecido como Relatório Brundtland), no qual consta a definição clássica do que se entende por desenvolvimento sustentável, definido como “aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades e aspirações” (ONU, 2015). Certamente Potter assinaria com muita alegria esse documento. Olhando para o mundo futuro e construindo uma ponte bioética global, visando à sua transformação, como diria Potter, a humanidade tem uma agenda crítica de trabalhos para os imensos desafios a serem enfrentados pela humanidade, apontados na “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” (ONU, 2015).

Sem dúvida alguma, Potter inspira, instiga e provoca para que o pensar sobre as realidades do mundo da vida e o estilo de vida sejam testemunhas concretas da responsabilidade, na construção de uma nova sociedade mais justa e saudável, bem como de um futuro de esperança para a humanidade. Para além da superficialidade das coisas e ideologias, urge que se cultive uma bioética “profunda”, não encerrada em si própria, mas inclusiva e de cunho “global”. Assim entende-se Potter quando diz:

A bioética profunda é a busca pela sabedoria, definida como um julgamento de como usar o conhecimento para o bem social. Clamamos por uma sabedoria bioética que combinará o conhecimento ecológico, com um senso de responsabilidade moral para vivermos num mundo saudável (POTTER, 1998, p. 3).

Talvez seja por causa dessa atualidade de sua visão de sabedoria bioética em relação ao futuro que Peter Whitehouse (2003, p. 115), seu discípulo, afirma que:

O futuro da bioética está num grau considerável no passado. A formulação original de bioética por V.R. Potter inclui um compromisso profundo em relação ao futuro que o mundo necessita desesperadamente que os bioeticistas descubram. Nosso sistema de saúde está moral e medicamente doente. Os bioeticistas necessitam encontrar a coragem e a sabedoria para liderar a revolução em mudanças organizacionais e não serem cúmplices com sistemas disfuncionais.

A Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável da ONU apresenta, para toda a humanidade, um horizonte de sentido e de visão a longo prazo que todos devem se irmanar e assumir como pessoal:

Reconhecemos que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável [...]. Estamos decididos a libertar a raça humana da tirania da pobreza e da privação e a sanar e a proteger o nosso planeta. Estamos determinados a tomar medidas ousadas e transformadoras, que se necessitam urgentemente, para pôr o mundo num caminho sustentável e resiliente. Ao embarcamos nesta jornada coletiva, comprometemos a não deixar ninguém para trás (ONU, 2015).

A UNESCO, órgão das Nações Unidas que cuida do desenvolvimento educacional, científico e cultural no planeta, ao celebrar os 20 anos de existência de seu prestigioso pioneiro programa de bioética (Comitê de Bioética), fez uma publicação comemorativa com os principais expoentes de bioética de todas as partes do planeta. Essa publicação intitula-se “Global bioethics: What for?” (Bioética Global: para quê?). Destaca-se o texto de Mary C. Rawlinson, “Bioethics: a bridge to the future?” (Bioética: uma ponte para o futuro?), por meio do qual, indo nas origens da bioética, afirma:

Antes de simplesmente aceitar o status quo e somente reagir aos problemas de seu tempo, Jahr e Potter entenderam a bioética como um projeto de re-imaginação de nosso futuro humano global, com o objetivo de promover a saúde humana e as interdependências que sustentam toda a vida. Devida à degradação global do meio ambiente; a explosão global da obesidade e outras doenças não-infecciosas; os riscos de saúde no trabalho, e o rápido aumento da iniquidade social e econômica no mundo, estamos diante de um imperativo: a bioética necessita recapturar seu mandamento original como uma “ponte para o futuro” (RAWLINSON, 2015, p. 33).

Um outro mundo é possível de ser construído, uma sociedade mais justa, solidária e equânime, interdependente e respeitosa das diferenças culturais, políticas e sociais, em harmonia com a natureza e protetora da biosfera e da vida no planeta. Nesse sentido, a bioética não deixa de ser uma grande lance de esperança para toda a humanidade. A tão decantada e proclamada “globalização”, sem dúvida, trouxe muitos benefícios para a humanidade, mas também tem causado transtornos e prejuízos terríveis. Estudiosos desse fenômeno afirmam assustados que as desigualdades não diminuíram; muito pelo contrário, continuam a crescer.

Como repete insistentemente o nosso querido Papa Francisco, um dos poucos líderes éticos desse momento histórico em que se vive, verdadeiro profeta no contexto mundial, para além do mundo religioso católico: a globalização, mais do que globalizar a solidariedade, está globalizando a indiferença, impul-

sionada por uma economia “sem rosto humano”, que destrói impiedosamente o meio ambiente, o planeta Terra. Com ousadia, diz que hoje é preciso se precaver dos “profetas da desgraça” e não deixar que “roubem a esperança”.

Pois bem, convoca-se, enquanto educadores, a gestar um novo humanismo planetário, em que a esperança ética passa a ser o GPS que guia a todos nesse empreendimento. É preciso ser protagonistas em assumir as responsabilidades pessoais, profissionais e políticas nessa direção. A bioética global na sua originalidade potteriana coloca todos exatamente nessa direção e nesse horizonte de esperança.

Recebido em: 06/03/2018

Revisado pelo autor em: 06/04/2018

Aceito para publicação em: 10/04/2018

Notas

1 Pós-Doutor em Bioética pelo Centro de Bioética James Drane da Edinboro University (Pensilvânia, Estados Unidos). Professor doutor no programa de Bioética *stricto sensu* de Bioética (mesurado) da Universidade do Vale do Sapucaí (Pouso Alegre, Minas Gerais). Autor de inúmeras obras de bioética publicados no Brasil e no exterior, tais como “Bioética, cuidado e humanização”, em 3 volumes (Edições Loyola, São Paulo, 2014); coautor e coorganizador de “Ibero-american bioethics: history and perspectives” (Springer, New York, 2010); coautor de: “Problemas atuais e bioética” (São Paulo, Edições Loyola/Centro Universitário São Camilo, 2014). Conferencista nacional e internacional. Atualmente, é o Superior Geral dos Camilianos e reside em Roma. Também é o moderador do CAMILLIANUM, Instituto Internacional de Teologia da Pastoral da Saúde ligado à Universidade Lateranense. E-mail: lpressini@uol.com.br

Referências

CHIARELLI, Brunetto. The bioecological bases of global bioethics. **Global Bioethics**, v. 25, n. 1, p. 19-26, 2014.

LEOPOLD, Aldo. **Sand County Almanac**. New York: Oxford University Press Inc., 1949.

NAESS, Arne. **The deep ecological movement: some philosophical aspects**. In deep ecology for the 21st century. Boston: Shambhala, 1995.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Transforming our world: the 2030 agenda for sustainable development**. 2015. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/21252030%20Agenda%20for%20Sustainable%20Development%20web.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

PESSINI, Léo. Prefácio. In: POTTER, Van Rensselaer. **Bioética: ponte para o futuro**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. p. 11-16.

PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul. (Orgs.). **Bioética clínica e pluralismo** – com ensaios originais de Fritz Jahr. São Paulo: Centro Universitário São Camilo & Edições Loyola, 2013.

POTTER, Van Rensselaer. Humility with responsibility – a bioethics for oncologists: presidential address. **Cancer Research**, v. 35, p. 2297-2306, 1975.

_____. **Global bioethics: building on the Leopold Legacy**. East Lansing: Michigan State University Press, 1988.

_____. Deep and Global Bioethics for a Livable Third Millennium. **The Scientist Magazine**, 1998. Disponível em: <<https://www.the-scientist.com/?articles.view/articleNo/18761/title/Deep-And-Global-Bioethics-For-A-Livable-Third-Millennium/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

_____. Bioética Global e sobrevivência humana. Script do vídeo (42 minutos) apresentado no IV World Congress of Bioethics, 4-7 de novembro de 1998, em Tóquio Japão. In: BARCHIFONTAINE, Christian de Paul; PESSINI, Léo. (Orgs.) **Bioética: alguns desafios**. São Paulo: Centro Universitário São Camilo e Edições Loyola, 2001. p. 337-347. (Coleção Bioética em Perspectiva 1).

_____. The Intellectual “last will” of the first global bioethicist. In: MUZUR, Amir; SASS, Hans-Martin (Eds.). **Fritz Jahr and the foundations of global bioethics**. Berlin: Lit Verlag, 2012. p. 149-158.

_____. **Bioética: ponte para o futuro**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

RAWLINSON, Mary C. Bioethics: a bridge to the future? In: UNESCO. **Global bioethics: What for?** Paris: UNESCO Publishing, 2015.

REICH, Warren Thomas. The word “bioethics”: the struggle over its earliest meanings. **Kennedy Institute of Ethics Journal**, v. 5, n. 1, p. 19-34, 1995a.

_____. (Ed.). **Encyclopedia of bioethics**. Revised edition. New York: Macmillan Library Reference/Simon & Schuster Macmillan, 1995b. vol. 1.

SASS, Hans-Martin. Fritz Jahr’s concept of bioethics. **Kennedy Institute of Ethics Journal**, v. 17, n. 4, p. 279-295, 2008.

TEN HAVE, Henk (Ed.). **Global bioethics**. An introduction. New York: Routledge; London: Francis Group, 2016a.

_____. **Encyclopedia of global bioethics**. New York: Springer Science/Business Media Dordrecht, 2016c. 5 v.

TEN HAVE, Henk; GORDIJN, Bert (Eds.). **Handbook of global bioethics**. New York: Springer Dordrecht Heidelberg, 2014. 4 v.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **The Universal Declaration of Bioethics and Human Rights**. UNESCO, 5 de outubro de 2005. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/social-and-human-sciences/themes/bioethics/bioethics-and-human-rights/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

_____. **Global bioethcis**: What for? Paris: UNESCO Publishing, 2015.

WHITEHOUSE, Petter J. Van Rensselaer Potter: an intellectual memoir. **Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics**, v. 11, n. 4, 331-334, 2002.

_____. The rebirth of bioethics: extending the original formulations of Van Rensselaer Potter. **The American Journal of Bioethics**, v. 3, n. 4, p. W 26-W31, 2003.